

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA  
LACANIANA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Mário Rafael Yudi Fukue

[rafaelfukue@yahoo.com](mailto:rafaelfukue@yahoo.com)

Mestrando

Universidade de Passo Fundo (UPF)

**Resumo**

No presente artigo, pretende-se apresentar as contribuições do conceito de identificação na obra de Lacan para a Análise do Discurso (AD) desenvolvida no Brasil, a partir de Pêcheux. Serão de fundamental importância para este trabalho os pressupostos teóricos da terceira fase da Análise do Discurso, disciplina de entre-meio que estuda a materialidade linguística marcada e afetada pela materialidade histórico-ideológica e pelo Outro (inconsciente). Conceitos vigentes na AD, especialmente a noção de ‘Outro’, possuem estrita relação com algumas descobertas psicanalíticas de Lacan. Neste trabalho analisamos as noções lacanianas de sujeito inconsciente, identificação imaginária e fantasia e suas contribuições à Análise de Discurso. Por sujeito inconsciente, Lacan refere-se a um traço ausente da história do ‘eu’ e que, no entanto, pela ausência e falta marca-o indelével e perpetuamente. Nesse sentido o ‘sujeito inconsciente’ de Lacan não é o sujeito empírico ou sujeito subjetivo, mas o próprio traço ausente no ‘eu’. Pois, o ‘eu’ se identifica com as imagens em que se reconhece. O termo identificação imaginária denomina essa relação entre o ‘eu’ e o traço ausente. Através de lapsos e ‘atos falhos’ o sujeito inconsciente se revela no e pelo discurso. É o sujeito inconsciente (identificado imaginariamente com o traço ausente) e a ideologia que afetam os discursos e delimitam Formações Discursivas.

**Palavras-chave:** Análise do discurso, sujeito, heterogeneidade constitutiva

**Introdução**

O anexo 3 de “Semântica e Discurso” é o *início de uma retificação* que Michel Pêcheux faz de sua teoria. O fato de usar uma citação de Jacques Lacan no título da seção indica que a retificação relaciona-se à interlocução entre sua teoria, a Análise do Discurso, e elementos da psicanálise lacaniana. O título - “só há causa daquilo que falha” – confessa que, de fato, algo falhou na teoria pechêutiana. Pêcheux escreve: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Verités de La Palice*.” (Pêcheux, 1988. p. 300)

Na retificação feita, Pêcheux indica uma possibilidade de interlocução entre a Análise do Discurso (AD doravante) e a psicanálise: “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o

recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (idibid, 1988, p. 301).

Podemos dizer que a Análise do Discurso se apresenta como uma “teoria materialista dos sentidos” (LEANDRO FERREIRA, dez. 2004, p. 39). Sendo assim, engloba a ideologia, os sujeitos, a língua e a história. A psicanálise, por seu turno, trata do inconsciente e do desejo, convocando o sujeito desejante, o Outro e sua relação com a linguagem. Leandro Ferreira alerta para o perigo de delimitar aproximações redutoras entre conceitos comuns aos dois campos de exame (idibid, p. 39). Por isso, o objetivo do presente trabalho não é psicanalizar a AD, mas apresentar algumas contribuições que conceitos lacanianos trouxeram para este campo do saber. Contribuições que ajudaram a desconstruir a maquinaria discursiva da AD-1 e AD-2 e a dar início à AD-3. Nossa meta é participar, por pouco que seja, dos “vislumbres teóricos penetrando a obscuridade” (GADET & HAK, 1990. p.149) da relação entre materialidade histórica e o inconsciente laciano.

### **1. Identificação Imaginária laciana na constituição do Sujeito Descentrado**

Provavelmente, a principal contribuição do conceito de identificação laciana para a AD foi sacramentar o processo de fragmentação do sujeito da AD através do assujeitamento do “eu” ao Outro, sujeito inconsciente. O indivíduo é afetado pelo inconsciente laciano e, conseqüentemente, “interpelado em sujeito pela ideologia” (Althusser) de forma fragmentária. Em outras palavras seu discurso é “heterogeneamente constituído” (AUTHIER-REVUZ, 1990).

A princípio, o sujeito, para a AD, trata-se de uma posição material lingüístico-histórica. Busca-se compreender o modo de produção de sentidos resultantes da interpelação ideológica. Por seu turno, para a psicanálise, o sujeito é “produto da linguagem enquanto efeito da relação entre significantes” (RIBEIRO, dez. 2004, p.30). Lacan escreve: “O sujeito que nos interessa é aquele que é feito pelo discurso, não aquele que faz o discurso, é aquele que é feito pelo discurso tal qual um rato é preso numa ratoeira, é o sujeito da enunciação” (LACAN (1967), 2005, p.50). Dessa forma, tanto a AD como a psicanálise não tratam de um sujeito cartesiano, autônomo. Do ponto de vista laciano, o fato de o sujeito falar como um “eu-UM” mostra que ele “ostenta a linguagem” e, ao mesmo tempo, “nela se perde”. Temos aqui uma alteridade do simbólico produzindo o assujeitamento do sujeito ao campo da linguagem e indicando que inconsciente e linguagem têm a mesma estrutura. Retomando Pêcheux (PÊCHEUX, 1988, p. 163):

“quando “o sujeito diz “eu”, o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade”, (...) algo produzido após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro (...).”

Ao mesmo tempo, pela inscrição no simbólico o sujeito se mostra em sua inserção na história, em outras palavras, é afetado ideologicamente.

Neste ponto, podemos dizer que o ponto de partida do sujeito da AD é o Outro, ou seja, o Outro da linguagem e da historicidade (AUTHIER-REVUZ, dez, 1990, p3). Mas, no que se constitui

esse “Outro”? Não se trata do “tu”, a quem o “eu” se endereça na relação dialógica. O Outro, responde Lacan, “é o campo... onde o sujeito tem que aparecer.” (LACAN (1963-1964), 1998, p. 193)

O sujeito como produto da interpelação ideológica e do inconsciente é base para uma “teoria não-subjetiva da subjetividade” (PÊCHEUX, *ibid.*, p. 133), que torna possível “discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos” (GADET & HACK, 1990, p. 133-134).

### **1.1. Interpelação ideológica fragmentada**

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso acontece pela identificação do sujeito enunciativo com a forma-sujeito da formação discursiva dominante, delimitando “o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, *ibid.*, p. 160). As formações discursivas representam na linguagem as formações ideológicas que lhes correspondem (*Idibid.*, p. 161). O tipo de relação entre o sujeito e as formações discursivas (FD doravante) podem ocorrer sob *três modalidades de tomadas de posição*: na primeira, o sujeito identifica-se com a forma-sujeito da FD; na segunda, se contra-indentifica; na terceira modalidade, o sujeito se desidentifica. São as duas últimas modalidades, a *contra-identificação* e a *desidentificação*, que abrem espaço para o *deslize de sentidos* e *polissemia* no discurso. Não se trata mais de uma forma-sujeito dotada de unicidade; há diferentes posições-sujeito, que evidenciam diferentes formas de se relacionar com a ideologia (INDURSKY, 2000, p.76). Na AD-3 as formações discursivas são heterogêneas e suportam o convívio do diferente e contraditório em seu interior. Dessa forma, não se pode mais falar em sujeito centrado da maquinaria discursiva. Ao tomar diferentes posições-sujeito numa dada FD, o sujeito revela-se fragmentado ideologicamente.

Essa fragmentação não é consciente. Ao ser afetado pelo Outro, o sujeito sofre um processo de “esquecimento”. Primeiro, pelo esquecimento número 1, o sujeito julga-se ser a origem do dizer e do sentido de seu discurso (GADET & HAK, *ibid.*, p. 176ss). Depois, pelo esquecimento número 2, o sujeito pressupõe a “literalidade do sentido de seu dizer” (*idibid.*, 168ss). Ao colocar a unidade do sujeito em cheque, Pêcheux retoma da psicanálise a diferença entre o sujeito (“je”) enquanto efeito do inconsciente, representado pelo significante e o sujeito (“moi”) que se perde no engano de se julgar como unidade. (MARIANI, dez. 2004, p. 40)

O esquecimento 1 é inacessível ao sujeito e aparece como constitutivo da subjetividade na língua. “Desta maneira pode-se adiantar que este recalque (...) é de natureza inconsciente” (GADET & HAK, 1990, p. 177) e é resultado do “processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, que se refere ao que Lacan designa metaforicamente pelo Outro” (*idibid.*, p.177). Além disso, o “recalque que caracteriza o “esquecimento número 1” regula (...) a relação entre dito e não-dito no “esquecimento número 2”, onde se estrutura a sequência discursiva. Isto deve ser compreendido no sentido em que, para Lacan, “todo discurso é ocultação do inconsciente” (*idibid.*, p.178). Em outras palavras, o sujeito não se sabe fragmentado devido ao afetamento que sofre do Outro e, por isso, sofre a ‘necessária ilusão’ de ser a origem do dizer.

### **1.2. A FALTA como tentativa (inconsciente) de reconstrução do sujeito**

Na “necessária ilusão fundante” (de sua unicidade e de ser origem do dizer), o sujeito se reconstrói como unidade no *ato falho*, que é de caráter não previsível e que “de algum modo mostra para o sujeito (moi) a sua falta e a incompletude do simbólico. Algo que imediatamente é resgatado, imaginariamente consertado (...) por essa instância do sujeito centrado (moi), que se representa (necessariamente) como unidade indivisa” (MARIANI, jan. 2005, p. 40).

O *ato falho* revela a incompletude do sujeito. Para Lacan, o sujeito tenderá a “completar sua falta” (NASIO, 1997, p.108). O conceito de identificação imaginária lacaniana, que denomina essa relação entre o “moi” e o traço ausente, é a fusão do eu com sua parte furada. (NASIO, 1997, p.117). Isso porque a falta é algo que nos completa pela ausência. Por isso, é algo constitutivo do sujeito ideológico e do sujeito do inconsciente, que se move pelo desejo de completude. Esse inconsciente é o mesmo que aparece na materialidade lingüística através dos acidentes da língua (lapsos, chistes e atos falhos) (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 19). Nasio lembra que “o termo sujeito do inconsciente não designa a pessoa que se engana ao falar, nem tampouco seu eu consciente ou inconsciente, mas **nomeia uma instância altamente abstrata** e, finalmente **não subjetiva**” (grifo meu) (NASIO, 1997, p. 113)

É a falta, manifestada nos acidentes da língua, que abre espaço para o deslizamento de sentido, possibilitando a polissemia. É precisamente em torno dessa falta, o lugar do impossível na língua, que o inconsciente se estrutura. Lacan cunha o termo *lalangue* (alíngua) para designar o lugar dessa falta. Assim, *lalangue*, ao representar o lugar do impossível na ordem da língua, indica um “real da língua sem bordas suturadas, atravessado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do chiste (...) que o desorganizam/desestratificam sem apagá-lo” (PÊCHEUX, 1988, p.51).

Lacan tematiza o real de dois modos: 1- o real é o impossível de ser simbolizado e 2- o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar. Tudo começa a partir dele. Leandro Ferreira escreve que “o real é, portanto, o núcleo do inconsciente” (LEANDRO FERREIRA, dez. 2004, p. 47-49).

A busca pela completude do sujeito tende ao infinito (fazer Um). Citando Lacan, “só há causa daquilo que falha”, Pêcheux dirá que “essa causa que falha” se “manifesta” incessantemente (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas atuam no sujeito fragmentado (MARIANI, 2003, p.2). A máxima lacaniana “penso onde não sou e sou onde não penso” (LACAN (1957), 1998, p. 521) atesta “a impossibilidade de o sujeito tornar-se “completo ao tentar fazer-Um com a língua e que algo escapa ao dizer desse mesmo sujeito” (LAUREANO, 2008, P.116).

Nessa busca infinita pela completude (e na repetição infinita da falha), ocorre a irrupção do equívoco, que “afeta o real da história” e “aparece como o ponto onde o impossível (lingüístico) vem se conjugar à contradição (histórica); o ponto onde a língua toca a história” (PÊCHEUX, 1981, p. 62).

Portanto, em vista do que foi posto, podemos delimitar que o sujeito é fragmentado (não apenas desdobrado) ideologicamente por um processo inconsciente de afetamento pelo Outro que impõe, ao sujeito, a incessante busca por completude e causa, conseqüentemente, a infinita repetição

das falhas, manifestadas na linguagem através do chiste, lapso, ato falho e equívoco. É o equívoco que tornará possível a *polissemia* e o deslizamento de sentidos, ambos constituintes de posições-autor diferentes e/ou contraditórias numa mesma formação discursiva. Por isso, é possível dizer que o sujeito é fragmentado ideologicamente, além de ser descentrado pela interpelação histórica e pelo inconsciente.

### **1.3. Heterogeneidade Constitutiva**

Este sujeito fragmentado da AD-3, é a base da teoria da heterogeneidade constitutiva do discurso (e das FD). A autora mostra que o dizer desse sujeito fragmentado sempre está carregado de um dizer que vem de outro lugar, é um discurso heterogêneo (AUTHIER-REVUZ, 1990). No entanto, essa heterogeneidade não é o mesmo conceito trabalhado por Bakhtin. Como destaca a autora, Bakhtin ignora a clivagem do inconsciente e o Outro (id, 2000). Para Authier-Revuz o sujeito será, conforme Laureano, “assujeitado ao inconsciente e preso à incessante tentativa de fazer UM com a língua” (LAUREANO, 2008, p. 116). Nessa tentativa, como vimos acima, o sujeito busca preencher sua falta estruturante. É nessa busca que o sujeito mostra-se fragmentado e interpelado ideologicamente de forma heterogênea.

Authier-Revuz (AUTHIER-REVUZ, 1998) prevê uma heterogeneidade mostrada textual-discursivamente, que revela a presença do outro-discursivo de forma marcada, como no uso de aspas, e uma heterogeneidade constitutiva. A autora lembra que o sujeito não é duplo mas dividido, é um sujeito não-psicológico, expressão de uma divisão. Entretanto, a “ilusão de unicidade” permanece como categoria inerente à constituição do sujeito, “permitindo que o sujeito funcione como não-UM” (idibid, 1998, p. 187).

É na tentativa de fazer-UM com a língua, que o sujeito revela um discurso heterogeneamente constituído, pois tenta tornar seu dito fechado e transparente, ou seja, o sujeito crê que domina seu dizer. Por exemplo, na enunciação “você é uma deusa grega, como dizem nas novelas, quando usa esse vestido”, o termo “como dizem nas novelas” mostra que algo “fala, independentemente, antes e em outro lugar”. Dessa forma, o discurso mostra-se heterogeneamente constituído por uma “fala anterior”, em termo de AD, o interdiscurso, conjunto do já-dito, afeta o intradiscurso, o fio do discurso.

Esse modo de negociação é assinalado por pontos de não-coincidência ou de heterogeneidade do dizer. Essa heterogeneidade torna o discurso opaco, “revelando que há algo que o sujeito não domina e que se faz presente em seu dizer” (LAUREANO, 2008, P. 120). A opacidade do discurso revela o sujeito em seu desejo de fazer-Um com a língua, (preencher sua falta, completando-se) e sua relação com o Outro.

### **Conclusão**

Esperamos não ter cedido, neste trabalho, ao impulso reducionista de “psicanalizar conceitos da AD.” Ao contrário, mesmo de forma irrisória e tímida, foi nosso objetivo participar dos

“vislumbres teóricos penetrando a obscuridade” (GADET & HAK, *ibid.* p.149) da relação entre materialidade histórico-discursiva e o inconsciente lacaniano.

Creemos ser possível sugerir que o afetamento do sujeito pelo Outro coopera na fragmentação do sujeito. Dessa forma, o sujeito não é apenas desdobrado, mas revela-se descentrado por um processo de interpelação ideológica e assujeitamento inconsciente. É esse assujeitamento, o afetamento pelo Outro, que impõe, ao sujeito, a incessante busca por completude na busca em fazer-UM com a língua. Essa busca, por sua vez, causa a infinita repetição das falhas, manifestadas na linguagem através do chiste, lapso, ato falho e equívoco.

O equívoco/ato falho torna possível, no discurso, a *polissemia* e o deslizamento de sentidos, ambos indicadores de posições-autor diferentes e/ou contraditórias numa mesma formação discursiva. Por isso, é possível dizer que o sujeito, ao tomar diferentes posições-sujeito, revela seu caráter fragmentado, causado pela interpelação histórica e pela assujeitamento inconsciente.

“Não há ritual sem falhas”, já dizia Pêcheux ao citar Lacan... (Pêcheux, 1988, p.301).

### Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. IN: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: Editora da UNICAMP, dez. 1990.

\_\_\_\_\_. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, dez. 1998.

LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. (1957) IN: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mon enseignement**. (1967). Paris: Editions du Seuil, 2005.

\_\_\_\_\_. **O seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. (1963-1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GADET, F. HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

INDURSKY, F. A Fragmentação do Sujeito em Análise do Discurso. IN: \_\_\_\_\_. CAMPOS, M. do C. **Discurso, Memória, Identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

LAUREANO, M. M. M. **A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre Análise do Discurso e psicanálise lacaniana**. Ribeirão Preto: USP, 2008. tese de doutoramento.

LEANDRO FERREIRA, M. C. Análise do Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade. IN: **Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. n. 131. Porto Alegre: APPOA, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Paulo: Claraluz, 2005.

MARIANI, B. Imaginário Linguístico: análise do discurso e psicanálise. IN: **Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. n. 132. Porto Alegre: APPOA, dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e Imaginário Linguístico: análise do discurso e psicanálise. IN: **Linguagem em Discurso**. número especial. S.l.: UNISUL, 2003.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. (1975). **Semântica e Discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

RIBEIRO, M. S. M. *A questão da interpretação na análise do discurso e na psicanálise: interseções*. IN: **Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. n.131. Porto Alegre: APPOA, dez. 2004.